
A CIDADE E A TRADIÇÃO

Ruben George Oliven*

No Rio Grande do Sul, mais de 75% da população vivem em situação urbana, estimando-se que esta percentagem aumente nas próximas décadas. Entretanto, quando se procura caracterizar a identidade do Estado, costuma-se evocar os elementos que fazem referência ao campo e à vida rural simbolizada na figura mítica do gaúcho. Homem errante e livre, o gaúcho vagueia soberano sobre seu cavalo, tendo como interlocutora privilegiada a natureza das vastas planícies do pampa, área pastoril por excelência.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Durante toda a década de oitenta, o Rio Grande do Sul passou por um renascimento das tradições gaúchas que muitos supunham definitivamente mortas ou restritas a bolsões de sobrevivência cultural. Esse processo é responsável pela existência de aproximadamente mil centros de tradições gaúchas filiadas ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, que reivindica ser o maior movimento de cultura popular do mundo ocidental, com mais de dois milhões de participantes, mais de quarenta festivais de música nativista envolvendo um público de aproximadamente um milhão de pessoas e vários rodeios. Esse crescente interesse pelas coisas gaúchas também ajuda a explicar o consumo de produtos culturais voltados a temáticas gaúchas: programas de televisão e rádio (há inclusive uma emissora FM na região metropolitana de Porto Alegre que toca exclusivamente música nativista, definindo-se como “uma rádio de bombachas”), colunas jornalísticas, revistas e jornais especializados, editoras, livros, livrarias e feiras de livros regionais, publicidade que faz referência direta aos valores gaúchos, bailões, conjuntos musicais, cantores e discos, restaurantes típicos com shows de músicas e danças gaúchas, lojas e roupas gauchescas etc. Trata-se de um mercado de bens materiais e simbólicos de dimensões muito significativas que movimenta grande número de pessoas e recursos e que, pelo visto, está em expansão.¹ Também formou-se um campo de debate intelectual entre os interessados na identidade gaúcha em que se enfrentam tradicionalistas, nativistas e os que criticam a ambos os grupos.

¹ Ver OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo. A diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

Embora sempre houvesse consumo de produtos culturais gaúchos, ele era bem menor e estava mais concentrado no campo ou nas camadas populares suburbanas e urbanas de origem rural. A novidade é constituída pelos jovens das cidades, em boa parte de classe média, que faz pouco tomam chimarrão, vestem bombachas e curtem música gaúcha, hábitos que perderam o estigma de *grossura*. Esse mercado está concentrado nas cidades e é formado, em boa parte, por pessoas sem vivências rurais.

Porto Alegre tem um papel importante nesse processo. É na capital, em 1948, que surge o “35 CTG”, o primeiro

Centro de Tradições Gaúchas, cujo nome evoca a Revolução Farroupilha em 1835, e que vai servir de modelo às centenas de centros de tradições gaúchas existentes no Rio Grande do Sul e em vários outros estados do Brasil. Seus fundadores são, na maioria, estudantes secundários, todos vindos do interior do Rio Grande do Sul, principalmente das áreas pastoris, onde predomina a pecuária praticada em grandes latifúndios.

Entrevistas realizadas com alguns fundadores que continuam figuras proeminentes no Movimento Tradicionalista Gaúcho, revelam que, na maioria, eles eram descendentes de pequenos proprietários rurais de áreas pastoris de latifúndio, ou de estancieiros em processo de descenso social e que vieram à capital para estudar. Esse dado é significativo porque mostra que os fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho, embora cultuem valores ligados ao latifúndio, não têm origem na oligarquia rural. Ele evidencia também que o tradicionalismo gaúcho, desde seu começo, é um movimento urbano que procura recuperar os valores rurais do passado. Como observa um de seus intelectuais e ex-patrão do “35 CTG”:

(...) há, queiramos ou não, uma aura de saudade envolvendo o Tradicionalismo e ninguém sente saudade de quem está perto. A saudade — e o Tradicionalismo — exigem distanciamento, tanto que este é um fenômeno tipicamente citadino, não do campo, urbano e não rural.²

A capital do Rio Grande do Sul, para onde esses jovens vieram a fim de completar seus estudos, morando em casas de parentes e tendo que estudar à noite e trabalhar de dia, oferecia um contraste com seus lugares de origem, constituindo-se simultaneamente em ameaça e desafio. Na descrição de um deles:

Porto Alegre nos fascinava com seus anúncios luminosos a gás neon, Hollywood nos estonteava com a tecnocolorida beleza de Gene Tierney e as aventuras de Tyrone Power, as lojas de discos punham em nossos ouvidos as irresistíveis harmonias de Harry James e Tommie Dor-

² FAGUNDES, Antônio Augusto. A verdadeira história do tradicionalismo. In: FERREIRA, Cyro Dutra. *35 CTG. O pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho* — MTG. Porto Alegre : Martins Livreiro, 1987. p.13.

*sey mas, no fundo, preferíamos a segurança que somente nosso 'pago' sabia proporcionar na solidariedade dos amigos, na alegria de encilhar um 'pingo' e no singelo convívio das rodas de galpão. Não nos conhecíamos uns aos outros, mas devíamos andar nos pechando pelos labirintos da capital. Nunca tínhamos ouvido falar nas anteriores experiências nativistas — dos anos [18]60, dos anos [18]90 e dos anos [19]20 — e precisávamos escolher nosso rumo por nós mesmos. E quando o existencialismo de Jean-Paul Sartre pôs diante de nós o derrotismo e a descrença, instintivamente nos agarramos a nosso rudes antepassados para uma afirmação de vitória e fé. Por essa época o Rio Grande andava bastante esquecido de si mesmo, e a própria bandeira estadual permanecia queimada e esquecida desde novembro de 1937. Resquícios do Estado Novo e seu sufoco centralizador.*³

³ BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. *Nativismo. Um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre : L&PM, 1985. p.56-57.

O depoimento é valioso pelos dados que evidencia. Primeiro há o elemento cidade. Embora Porto Alegre na década de quarenta fosse uma cidade pequena e pacata para padrões atuais, sua população aumentou de 272.000 habitantes em 1940 para 394.000 em 1950 (um crescimento de 45% em dez anos), sendo vista como uma metrópole cheia de labirintos e de símbolos de progresso, como os anúncios luminosos de gás neon. Em segundo lugar, havia os produtos da indústria cultural que, vindos dos Estados Unidos, tinham um impacto muito grande, através dos discos e do cinema e de seus ídolos. Por último, havia filosofias céticas oriundas da Europa que questionavam o sentido da vida e do mundo. Tudo isso era muito fascinante, mas ao mesmo tempo ameaçador. A reação desses jovens interioranos expostos a essas experiências foi apegar-se ao que era considerado seguro e claro, o campo e o passado. Duas seriam as ameaças que pairariam em relação a esses valores: a invasão cultural que viria dos Estados Unidos (durante a II Guerra Mundial houve uma

⁴ Ver MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil*. A penetração cultural americana. São Paulo : Brasiliense, 1984.

penetração muito intensa de produtos culturais americanos, como as revistas e filmes de Disney, o cinema de Hollywood, a Coca Cola etc.⁴) e o centralismo econômico, político e também cultural imposto pela ditadura do Estado Novo.

Os jovens criadores do “35” se dão conta de que a capital do Estado não se mostrava muito receptiva ao tradicionalismo.

Não é que Porto Alegre tenha nos recebido mal. Afinal, éramos jovens, simpáticos, alegres, comunicativos, trabalhadores e bons estudantes, e não havia motivo para a capital nos ter antipatia. Mas era uma cidade muito cônica de sua responsabilidade como retransmissora da cultura cosmopolita e consumista, e não tinha tempo a perder com nossas charlas e declamações. Quando muito, sorria condescendentemente para nossos desfiles conduzindo a chama Crioula no dia 20 de setembro — ocasião em que nos revitalizávamos ante a verificação de que já não éramos meia dúzia de gatos-pingados e sim uma dúzia. Duas dúzias talvez.⁵

⁵ BARBOSA LESSA. *Nativismo*. Um fenômeno social gaúcho. Op. cit. p.15.

De 1948 a 1954 surgiram trinta e cinco novos centros de tradições gaúchas distribuídos em praticamente todas as regiões do Rio Grande do Sul, mas concentrados majoritariamente nas áreas pastoris. Em Porto Alegre houve apenas a criação de uma espécie de mini-CTG doméstico. Em relação a essa época, a queixa da rejeição por parte da capital e das elites gaúchas é uma constante entre a liderança tradicionalista. Parece que a elite de Porto Alegre se esforçava por perder seu aspecto provinciano e adotar os costumes e práticas que fossem considerados cosmopolitas. É lógico que bombachas e tudo que lembrasse o campo eram um incômodo para esse tipo de projeto.

Em 1954, os vários centros de tradições que se foram proliferando a partir de 1948 se reúnem pela primeira vez num congresso realizado em Santa Maria. Na ocasião, é apresentada a tese de Luiz Carlos Barbosa Lessa, um dos estudantes que haviam fundado o “35 CTG”, intitulada *O sentido e o valor do tradicionalismo gaúcho*.

⁶ Sobre a influência de Donald Pierson no Brasil, ver LIPPI DE OLIVEIRA, Lúcia. Donald Pierson e a sociologia no Brasil. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, n. 23, 1987.

O autor, à época com vinte e quatro anos e recém formado em direito, profissão que não tinha vontade de exercer, fora a São Paulo onde se matriculara na Escola de Sociologia e Política. Lá lecionava o sociólogo norte-americano Donald Pierson,⁶ formado pela Universidade de Chicago. Seu livro *Teoria e pesquisa em sociologia*, bem como o livro *O homem*, publicado em 1936 pelo antropólogo norte-americano Ralph Linton, constituíam-se em leitura obrigatória. Ambos os autores estavam preocupados com os efeitos do crescimento da população, com as conseqüências da urbanização e as modificações que ocorrem na família e no grupo local, problemática recorrente nas ciências sociais naquela época e fortemente influenciada pela temática que Durkheim desenvolvera na França no século passado. Segundo Barbosa Lessa, as aulas eram muito monótonas e depois de alguns meses ele teve que voltar ao Rio Grande do Sul. Entretanto, quando foi redigir a tese-matriz do Tradicionalismo, o autor se deu conta de como estes dois cientistas sociais estavam próximos dos assuntos tradicionalistas:

Mas nestes dois ou três meses em 53 me deram a bibliografia básica que eu deveria adquirir, onde figuravam Teoria e Pesquisa em Sociologia de Donald Pierson e O Homem de Ralph Linton. Então eu não continuei o curso, mas voltei ao Rio Grande do Sul em fins de 53 com no mínimo estes dois livros (...) e fui lá pra fazenda em Piratini e me lembro que foi lá na fazenda que eu lia e anotava estes dois livros e pra mim foi uma revelação. Como eu estava muito imbuído dos assuntos tradicionalistas, eu fui vendo até que ponto se encaixava naquilo que nós estávamos fazendo, foi quando eu aprendi conceito de sociedade, conceito de cultura, conceito de tradição, conceito de visão cultural e por aí a fora, todos aqueles conceitos básicos e eu percebi que dava pra formar uma coisa boa.⁷

⁷ Entrevista realizada com Luis Carlos Barbosa Lessa, em 04 de outubro de 1983.

O depoimento é um exemplo expressivo de como o saber produzido por acadêmicos se torna senso comum. Nes-

te sentido, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, sem ter consciência do fato, foi um dos maiores difusores das idéias das ciências sociais norte-americanas da década de quarenta.

A tese-matriz do tradicionalismo começa enfatizando a importância da cultura, transmitida pela tradição, para que uma sociedade funcione como uma unidade. Todo problema reside no fato de que isto não estaria ocorrendo satisfatoriamente, já que “a cultura e a sociedade ocidental estão sofrendo um assustador processo de desintegração”, sendo “nos grandes centros urbanos que esse fenômeno se desenha mais nítido, através das estatísticas sempre crescentes de crime, divórcio, suicídio, adultério, delinquência juvenil e outros índices de desintegração social.”⁸ Essa desintegração social se deveria predominantemente a dois fatores: o enfraquecimento do núcleo das culturas locais e o desaparecimento gradativo dos “grupos locais” como unidades transmissoras de cultura.

⁸ BARBOSA LESSA. *O sentido e o valor do tradicionalismo*. Porto Alegre : SAMRIG, 1979. p.5.

Não é difícil perceber no texto a influência do pensamento social do século passado e começo deste a respeito das conseqüências do processo de urbanização, elaborado indiretamente através daqueles que o autor chama de “mestres da moderna sociologia” e que podem ser caracterizados como membros da Escola Sociológica de Chicago. Embora o termo não seja citado, o que é descrito é o fenômeno da *anomia* enunciado por Durkheim, aplicado ao aumento populacional e à conseqüente divisão social do trabalho. A ênfase na temática da desagregação e a imputação à cidade do poder de acelerar esse processo lembra muito as teorias dicotômicas ou de contraste, principalmente a teoria do *continuum folk-urbano*, de Robert Redfield. Esse antropólogo norte-americano acreditava que as conseqüências da urbanização eram a desorganização da cultura, a secularização e o individualismo. A vida em cidades enfraqueceria ou destruiria os firmes laços que ele achava que integravam os homens em uma sociedade rural e criaria uma cultura urbana caracterizada pela fragmentação de papéis sociais e por um comportamento mais secular e individualista. A homogeneidade de uma sociedade

rural, à qual corresponderia uma estrutura não-ambígua e monolítica, seria substituída, na sociedade urbana, por uma estrutura social marcada pela diversidade de papéis, ações e significados. A cultura rural, na qual todos os elementos culturais seriam definidos, transformar-se-ia em uma cultura fragmentada na sociedade urbana. As conseqüências inevitáveis da cultura urbana seriam, então, o conflito e a desorganização.⁹

⁹ Sobre este assunto ver OLIVEN, Ruben George. A cidade como Categoria Sociológica. In: *Urbanização e mudança social no Brasil*, Petrópolis : Vozes, 1988.

Como se dá a aplicação deste tipo de teoria, tão em voga naquela época, à realidade do Rio Grande do Sul? É interessante ver como a crise social encontra uma “solução” no Tradicionalismo já que este

*visa precisamente combater os dois reconhecidos fatores de desintegração social. O fundamento científico deste movimento encontra-se na seguinte afirmação sociológica: “Qualquer sociedade poderá evitar a dissolução enquanto for capaz de manter a integridade de seu núcleo cultural. Desajustamentos, nesse núcleo, produzem conflitos entre os indivíduos que compõem a sociedade, pois estes vêm a preferir valores diferentes, resultando então a perda de unidade psicológica essencial ao funcionamento eficiente de qualquer sociedade.” Através da atividade recreativa ou esportiva, que o caracteriza — sempre realçando os motivos tradicionais do Rio Grande do Sul —, o Tradicionalismo procura, mais que tudo, reforçar o núcleo da cultura rio-grandense, tendo em vista o indivíduo que tateia sem rumo e sem apoio dentro do caos de nossa época. E, através dos Centros de Tradições Gaúchas, o Tradicionalismo procura entregar ao indivíduo uma agremiação com as mesmas características do “grupo local” que ele perdeu ou teme perder: o “pago”. Mais que o seu pago, o pago também das gerações que o precederam.*¹⁰

¹⁰ BARBOSA LESSA. *O sentido e o valor do tradicionalismo*. Op. cit., p. 7-8.

A expansão do tradicionalismo gaúcho segue uma dinâmica interessante. Se, em seu começo, o movimento teve pouca repercussão em Porto Alegre, no interior do Es-

11 MARIANTE, Hélio Moro. *História do tradicionalismo gaúcho*. Porto Alegre : Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, Cadernos Gaúchos, 1976. p.12.

12 Introdução à reedição de *O sentido e o valor do tradicionalismo*. Op. cit., p.4.

13 A expansão do Tradicionalismo também se dá fora do Rio Grande do Sul, que é um dos estados de maior emigração do Brasil. Em 1987 havia em Santa Catarina mais de 183 CTGs e mais de 200 piquetes de laço filiados ao Movimento Tradicionalista de Santa Catarina. No Estado do Paraná existem 158 CTGs filiados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná e, no Mato Grosso do Sul, há aproximadamente trinta e cinco CTGs filiados à Federação dos Clubes de Laço.

tado e fora dele seu crescimento foi impressionante. Escrevendo em 1976, um historiador do tradicionalismo afirmava que “*apenas decorridas três décadas, foram criadas seiscentas entidades nativistas, das quais, quase quatro centenas encontram-se em atividade e que fazem do tradicionalismo sua razão de ser*”.¹¹ Em 1979 era também de 400 o número de CTGs apontados na Introdução da reedição de *O Sentido e o Valor do Tradicionalismo*.¹²

Na década de oitenta, o número de entidades tradicionalistas cresce de forma impressionante, a ponto de se falar que seriam 1500 em todo o Estado.¹³ Levantamento feito junto ao Movimento Tradicionalista Gaúcho aponta em 1987 a existência de 886 entidades tradicionalistas (termo que engloba centros de tradições e piquetes), o que significa uma relação de uma entidade para cada 9.118 habitantes do Rio Grande do Sul. Embora se distribuam em todo o Estado e se concentrem em municípios pequenos (com população oscilando entre 4 e 20 mil habitantes), onde às vezes são a única forma de lazer existente, sua presença se faz sentir também em algumas cidades de médio e grande porte, como Vacaria, Cachoeira do Sul e Santa Maria. Na Região metropolitana de Porto Alegre existem 80 entidades tradicionalistas (59 CTGs e 21 de outras características). O que significa uma entidade para cada 26.557 habitantes.

Se o tradicionalismo procura reeditar a tradição e a vida rural, ele o faz num Estado urbanizado que se quer moderno, e sempre a partir de sua capital e maior pólo urbano. Pode parecer curioso que esse movimento lance mão de valores rurais e do passado, quando, nos dias de hoje, o Rio Grande do Sul é predominantemente urbano e bastante industrializado.

Atualmente, Porto Alegre não se depara com a questão de provar que é moderna. De certo modo, as grandes cidades brasileiras aderiram aos símbolos do que é considerado internacional. Talvez seja justamente por isso que é possível e necessário retornar à tradição sobre a qual pairaria o risco de perder-se. Assim se explica a adesão de jovens ur-

banos de classe média, sem nenhuma experiência rural, aos valores do gauchismo, seja através do tradicionalismo, seja através do movimento nativista, este mais aberto a temas como a justiça social e a ecologia.

Apesar de ser o *locus* da modernidade, a cidade não elimina a tradição. Ao contrário, tende a recriá-la. Assim, o urbano é um espaço onde convivem simultaneamente a modernidade e a tradição, que sempre se atualiza de acordo com a dinâmica da vida social e de suas transformações.